

A MEMÓRIA E O ESQUECIMENTO NO CONTO “FUNES, O MEMORIOSO”, DE JORGE LUIS BORGES

CARLOS HENRIQUE DURLO*

Universidade Estadual de Maringá (UEM), Programa de Pós-Graduação em Letras (PLE), Maringá, PR, Brasil.

Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Resumo

O presente artigo promove algumas reflexões acerca da memória e do esquecimento por meio da leitura do conto “Funes, o memorioso”, do escritor e poeta argentino Jorge Luis Borges (1999). A memória está entrelaçada ao esquecimento e no conto o narrador assume o papel de rememoração dos fatos vividos pelo protagonista, enquanto a personagem Funes protagoniza a proteção da ameaça ao apagamento da memória, que pode ser causada pelo esquecimento, considerando que o ato de lembrar é o critério primordial para o não esquecimento. No estudo dos conceitos de memória e esquecimento, recorreremos às reflexões teóricas dos principais estudiosos do assunto, por ordem cronológica: Maurice Halbwachs (1990), Henri Bergson (1999), Márcio Seligmann-Silva (2003), Paul Ricouer (2008), Paolo Rossi (2010) e Jacques Le Goff (2013). Para estudo e compreensão da obra de Borges e do conto “Funes, o memorioso”, os apontamentos crítico-literários de Jorge

* *E-mail:* carlos.durlo@gmail.com; ORCID: 0000-0002-9231-7157.

Schwartz (2000), Teixeira (2010), entre outros, foram imprescindíveis à nossa leitura.

Palavras-chave

Memória. Esquecimento. “Funes, o memorioso”.

INTRODUÇÃO

Sobre a memória, Jorge Luis Borges, ao dar uma entrevista registrada no livro *O pensamento vivo de Jorge Luis Borges*, afirma:

[...] temos que a memória é o essencial, posto que a literatura está feita de sonhos e os sonhos se fazem de recordações. Essas recordações podem ser pessoais, podem ser lidas ou, talvez, possam ser herdadas como arquétipos. Em todo caso, a memória é necessária como ponto de partida e, então, vêm as modificações (BORGES, 1987, p. 94).

Além da literatura, os registros de cada ser humano também são efetivados pela memória, que podem ser de caráter historiográfico, literário, arquitetônico ou artístico. A memória que o indivíduo possui de determinada coisa ou fato permite-o transmitir, escrever, recontar, atualizar e traduzir sua lembrança. No estudo sobre a memória em Borges, Schwartz (2000, p. 124-125) esclarece que

o tema da memória em Borges surge de variadas maneiras: na busca enviesada de uma pátria que se afirma pelo menos pelas cores nacionais do que por sua dispersão num patrimônio ocidental alastrado; no resgate da Buenos Aires perdida no surto modernizador do início do século XX; na metáfora do percurso indescritível que faz que ao nos afastarmos de nossa origem nos reaproximemos dela; na identificação de um patrimônio literário, repertório que sustenta a produção textual e funciona como espécie de memória do mundo, revelada em citações e provocadora da fusão, nos textos borgeanos, de repertório e memória. A memória é apresentada como razão de ser e objetivo do que se escreve, de todo discurso, seja derivado do fazer puramente literário ou vinculado a práticas concretas, vividas, marcadas pela experiência humana. [...] Mais do que adotar a memória como tema, a obra de Borges é, como um todo, um exercício da memória, da vontade de lembrar, da ordem irrefutável de retomar referências passadas.

Ampliando essas ideias, Le Goff (2013, p. 387-388) as complementa, considerando que a memória, “como propriedade de conservar certas informa-

ções, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. Os fenômenos resultantes do processo da memória, de acordo com o historiador, nada mais são do que “os resultados de sistemas dinâmicos de organização e apenas existem na medida em que a organização os mantém ou reconstitui” (LE GOFF, 2013, p. 387-388). No campo da ciência, o estudo da memória abarca diferentes áreas do saber, como a psicologia, a psiquiatria, a biologia e nomes de autores representativos como Bergson e Halbwachs.

Henri Bergson (1999), na obra *Matéria e memória*, apresenta-nos importantes contribuições acerca da operação da memória. Para o filósofo, o corpo é considerado uma imagem privilegiada, cuja centralidade é a ação que proporciona poder de decisão sobre todas as outras. Entretanto, assevera que “é o cérebro que faz parte do mundo material, e não o mundo material que faz parte do cérebro. Suprima a imagem que leva o nome de mundo material, você aniquilará de uma só vez o cérebro e o estímulo cerebral que fazem parte dele” (BERGSON, 1999, p. 13). Portanto, as percepções estão impregnadas de recordações misturadas aos milhares de detalhes de nossa experiência. Logo,

A memória, praticamente inseparável da percepção, intercala o passado no presente, condensa também, numa intuição única, momentos múltiplos da duração, e assim, por sua dupla operação, faz com que de fato percebamos a matéria em nós, enquanto de direito a percebemos nela (BERGSON, 1999, p. 77).

Diante da afirmativa de Bergson (1999), aferimos a existência de um lado subjetivo do nosso conhecimento acerca das coisas. O filósofo explica que há uma consciência individual que nos leva a perceber um mundo material vasto e amplo, porém de forma seletiva, ou seja, uma consciência que seleciona pontos de atenção em detrimento de outros, explica que “a imagem é escolhida para fazer parte de minha percepção, enquanto uma infinidade de outras imagens permanece excluída” (BERGSON, 1999, p. 40). Embora Bergson (1999) assegure a subjetividade da memória, as nossas lembranças são recordadas por outras pessoas compondo um evento coletivo. Maurice Halbwachs (1990, p. 26) explica que

[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. Não é necessário que outros

homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem.

Nesse sentido, o autor estabelece umnexo entre a memória do indivíduo e a memória do grupo a que pertence e, por consequência, a memória do grupo social é ligada à tradição, ou seja, a memória coletiva de cada sociedade. Levando-se em consideração a importância social da memória nas sociedades sem escrita, há homens-memória que desempenham o relevante papel de narradores, responsáveis e guardiões da história de uma determinada comunidade. A memória, por sua vez, é o elemento essencial para a construção da identidade coletiva. Le Goff (2013, p. 435) ilustra que “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje [...]”.

A memória, de acordo com Paolo Rossi (2010), não é ligada única e exclusivamente ao passado, mas, efetivamente, à identidade e persistência no futuro. Desse modo,

o entrelaçamento de memória-esquecimento é muito profundo. Mesmo quando se teorizam rupturas totais e irreparáveis e transformações radicais. Nas situações histórico-culturais em que predominam a cólera e o espírito rebelião, a exigência de um passado é frequentemente tão forte quanto a que diz respeito ao futuro (ROSSI, 2010, p. 25).

A identidade nacional surge como meio de assegurar um rosto à coletividade, tendo em vista as constantes alterações do quadro social. A memória coletiva encontra na literatura um lugar privilegiado de perpetuação, tal como na obra de Jorge Luis Borges, que situa determinadas características dos cidadãos e de sua pátria – a Argentina –, ao ponto de apresentar aspectos nacionais e favorecer a produção de uma memória coletiva. Nos seus estudos sobre Borges, Teixeira (2010, p. 13) considera que

os textos de Borges entrelaçam ficção e realidade de modos variados, como por exemplo, a inserção de dados biográficos do próprio autor, que denomina “Borges” muitos dos seus narradores. [...] O autor ainda mescla verdade/ficção por meio da evidência dos seus mecanismos de invenção ficcional – a memória e a imaginação; como uma “mentira manifesta”, de acordo com Barthes (1953), os contos de Borges chamam a atenção para o caráter poroso da memória dos seus narradores, que frequentemente revelam dúvidas em relação ao passado narrado.

A problematização da memória, vem ganhando crescente relevância nos campos da filosofia, comunicação, propaganda, entre outros veículos. A partir dessas constatações, a nossa próxima etapa será demonstrar como o processo da construção da memória e do esquecimento ocorre no conto “Funes, o memorioso”, de Jorge Luis Borges (1999).

“FUNES, O MEMORIOSO”

O personagem Irineo Funes, no conto “Funes, o memorioso”, de Jorge Luis Borges, escrito em 1942, é um jovem rapaz que se lembra de tudo o que lhe permite catalogar todas as imagens da memória. Funes, o memorioso, tal como adjetivou Borges, é capaz de recordar os mínimos detalhes de qualquer coisa ou acontecimento que seus sentidos presenciavam, desde o mais perceptível ao mais ínfimo traço, conforme o trecho a seguir:

Nós, de uma olhadela, percebemos três copos em cima da mesa; Funes, todos os rebentos e cachos e frutos que comporta uma parreira. Sabia as formas das nuvens austrais do amanhecer de trinta de abril de mil e oitocentos e oitenta e dois e podia compará-los na lembrança com as listras de um livro espanhol encadernado que vira somente uma vez e com as linhas da espuma no rio Negro na véspera da batalha do Quebracho. Essas recordações não eram simples; cada imagem visual estava ligada às sensações musculares, térmicas, etc. podia reconstruir os sonhos, todos os entressonhos. Duas ou três vezes havia reconstruído um dia inteiro; nunca havia duvidado, cada reconstrução, porém tinha requerido um dia inteiro (BORGES, 1999, p. 55).

Acerca de Funes, manifesta-se Paolo Rosi (2010, p. 39):

O protagonista de “Funes el memorioso” percebe, só com uma olhada, não (como nós fazemos) três copos sobre uma mesa, mas todos os ramos e os grãos de uva de uma parreira. Recorda com exatidão a forma das nuvens do amanhecer de 30 de abril de 1882 e pode confrontá-las, na lembrança, com a capa parecendo mármore de um livro que viu uma única vez. Pode reconstituir todos os seus sonhos. Duas ou três vezes reconstruiu um dia usando a memória e a reconstrução exigiu uma jornada inteira.

Além dessas qualidades expressas no texto, Irineo Funes possuía uma característica peculiar: sabia as horas como se fosse um relógio, sem a necessidade de consultar qualquer elemento. Por isso, era conhecido como o “cronométrico Funes”. A narrativa do conto apresenta-se como uma espécie de

memória do narrador acerca da personagem Funes, ao relatar quando o conheceu, ainda jovem, durante as férias na casa de seu primo Bernardo Haedo, na cidade de Fray Bentos, no Uruguai, nos idos de 1800. O narrador afirma ter visto Funes cerca de três vezes:

Disse-me: “Mais recordações tenho eu sozinho que as que tiveram todos os homens desde que o mundo é mundo”. E também: “Meus sonhos são como a vigília de vocês”. E, igualmente, próximo do amanhecer: “Minha memória, senhor, é como despejamento de lixos” (BORGES, 1999, p. 56).

Teixeira (2010, p. 14), em seus comentários sobre o texto, explica:

[...] encontramos um narrador que se diz distraído, esquecido e que reduz a história de uma vida a nada mais que dois episódios; sua percepção das coisas e do tempo difere da percepção de Ireneo Funes, cuja memória perfeita presentifica, de uma só vez, tudo uma vez visto, pensado, ouvido, dito, lido, sonhado ou sentido.

No decorrer da narrativa, Funes ficou paralítico após sofrer uma queda de cavalo. Sentindo-se imobilizado, cresceu a sua potencialidade de percepção e memória. Não apenas o presente, como “também as memórias mais antigas e mais triviais” tornaram-se ricas e nítidas em detalhes (BORGES, 1999, p. 55). Schwart (2000, p. 127) assim se refere ao fato:

[...] o *cronométrico* Funes sabe as horas sem que precise consultar relógios ou céu, informa-as com a monstruosa precisão de quem reconhece o absoluto do Tempo. Paralítico após ter sido derrubado de um cavalo, Funes vê no acidente que o entevou um ritual de passagem: a luminosa perspectiva de dedicar-se ao ofício de lembrar, a possibilidade de acesso a um mundo superior, em que a memória é sobre-humana, irrestrita.

A imobilidade torna-se o preço a ser pago pela percepção e memória perfeitas. Para Funes, viver era recordar. Le Goff (2013, p. 437) explica que “a memória [...] procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”. Deluze (apud RICOEUR, 2008, p. 442), por sua vez, disserta:

“Existe aí como que uma posição fundamental do tempo, assim como o paradoxo mais profundo da memória: o passado é ‘contemporâneo’ do presente que ele *foi*. Se o passado tivesse de esperar para não mais ser, se ele não fosse passado imediatamente e agora, ‘passado em geral’, nunca poderia se tornar o que ele é, nunca seria este passado. [...] O passado nunca se constituiria, se não

coexistisse com o presente do qual ele é passado [...] “Não apenas o passado coexiste com o presente que ele foi, mas [...] é o passado inteiro, integral, *todo* nosso passado que coexiste em cada presente [...].

Embora Funes tenha desenvolvido a capacidade de rememoração e percepção detalhadas das marcas momentâneas, ele era incapaz de pensar. Desconfiado dessa afirmativa, o narrador acrescenta: “Tinha aprendido sem esforço o inglês, o francês, o português, o latim. Suspeito, contudo, que não fosse capaz de pensar” (BORGES, 1999, p. 57). Nesse sentido, comenta Rossi (2010, p. 40)

Funes está insatisfeito com o fato de que, para indicar muitos números, sejam necessárias mais palavras, e pensa numa série numérica em que cada número tenha um nome próprio. Também o idioma imaginado por Locke, que designa um nome próprio para cada coisa, parece a Funes demasiado genérico e ambíguo: “ele de fato lembrava não só de cada folha de cada árvores de cada montanha, mas também de todas as vezes que tinha percebido ou imaginado cada uma delas”. Funes é incapaz de ideias gerais e está incomodado que um mesmo nome possa designar o cão das 3 e das 14 visto de frente e o cão das 3 e das 15 visto de perfil.

Segundo a narrativa, outro fato que atormenta o jovem é que sua capacidade de pensar não o permitia dormir: “Era-lhe muito difícil dormir. Dormir é distrair-se do mundo” (BORGES, 1999, p. 57). Segundo Teixeira (2010, p. 66),

Efetivamente, Funes não pode dormir; dormindo ele tem a consciência do homem desperto. Como uma “metáfora del insomnio”, Funes não é apenas o que se lembra, mas também o que nunca esquece e que nunca se distrai. Funes desperto é como os homens sonhando. [...] Funes pode se equiparar aos estados despertos do homem que pensa ser consciente e conhecedor da verdade, mas que vive um mundo cujo caos é ordenado pelos conceitos que ele mesmo elabora. Os sonhos dos homens subvertem a ordem, não obedecem à lógica do homem.

A narrativa de Borges surge como espécie de memória do narrador. De acordo com Seligmann-Silva (2003, p. 48), “Aquele que testemunha se relaciona de um modo excepcional com a linguagem: ele desfaz os lacres da linguagem que tentavam encobrir o ‘indizível’ que a sustenta”. Logo, por meio da escrita, tendo como recurso a memória do narrador, procura-se rememorar o passado por meio de escolhas conscientes de fatos, palavras, gestos, ideias etc.

Rossi (2010, p. 32) explica que apagar algumas informações da memória “tem a ver com esconder, ocultar, despistar, confundir os vestígios, afastar da verdade, destruir a verdade”. De acordo com Teixeira (2010, p. 70), “Selecionar dados e apagar outros são ações essenciais para o homem porque permitem o raciocínio; mas são também eles que põe em cheque a validade da memória como fonte da verdade”. Já Almeida e Bogéa (2007, p. 2), concluem:

[...] o narrador apresenta Funes com um relato típico de uma significativa rememoração: seleciona dados, edita momentos e sobretudo recorda, recorda, recorda... E ao recordar o faz curiosamente de dois modos quase opostos: quando a situação não é fundamental, recorda textualmente cada detalhe; quando, ao contrário, o momento é relevante escapa-lhe a completude do ocorrido, atento à impossibilidade dessa lembrança integral. Revela, desse modo, um paradoxo típico das recordações: lembrar é também esquecer. Pois implica em abstrair certos aspectos – muitas vezes porque impossíveis de precisar.

Fica claro que “a memória só existe ao lado do esquecimento: um complementa e alimenta o outro, um é o fundo sobre o qual o outro se inscreve” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 53).

Paul Ricoeur (2008, p. 448-449), por sua vez, assegura que o esquecimento seria uma das condições primordiais para a memória:

[...] não é mais o esquecimento que a materialidade põe em nós, o esquecimento por apagamento dos rastros, mas o esquecimento por assim dizer de reserva ou de recurso. O esquecimento designa então o caráter *despercebido* da perseverança da lembrança, sua subtração à vigilância, da consciência. [...] Contra o esquecimento destruidor, o esquecimento que preserva.

Possivelmente, um dos temas centrais do conto “Funes, o memorioso” seja o da necessidade do esquecimento, pois “o esquecimento está associado à memória” (RICOEUR, 2008, p. 435). Funes não pode pensar, porque não pode esquecer e, de acordo com Schwartz (2000, p. 127-129), sente-se “Incapaz de escolher e, sobretudo, de esquecer, vive condenado à repetição invariante, à impossibilidade de ser livre na escolha e na rejeição” completa a ideia, afirmando que

O esquecimento – se entendido como contrário e alheio à memória – não existe de fato; a consciência da realidade pode, então, ser completa. Mas tal recusa não implica um pleno desconsiderar da possibilidade do esquecimento;

marca, antes, a refutação de externalidade em relação à memória. Afirmar a inexistência do esquecimento como alternativa à memória não impede que haja, internamente a ela, perdas provisórias; faz que se considere o esquecer como contraface da moeda do lembrar, ambos componentes da memória. Negado fora da memória, o esquecimento renasce internamente a ela [...] (SCHWARTZ, 2000, p. 127-129)

No conto, o narrador assume a posição de contraponto da extraordinária memória de Funes e quando alerta para a fragilidade e a imprecisão do lembrar humano evidencia-se a memória especial de Funes. Ao longo da narrativa, observamos momentos em que o narrador se justifica pela falha na precisão do relato, comprova que se inicia pela comparação entre sua memória, a memória dos homens de forma geral e a memória de Funes. No texto:

Recordo-o (não tenho o direito de pronunciar esse verbo sagrado, apenas um homem na terra teve o direito e tal homem está morto) [...]

Recordo (creio) [...]

Sou tão distraído que o diálogo a que acabo de me referir não teria chamado a minha atenção se não o tivesse enfatizado o meu primo [...] (BORGES, 1999, p. 53).

A história narrada é o resultado de impressões que o narrador teve quando conheceu Funes. Logo, a recuperação dessas impressões pode estar permeada tanto de imaginação quanto de falsidade. Segundo Ricoeur (2008, p. 30), “o que está em jogo é o estatuto do momento da rememoração, tratada como reconhecimento de impressão. A possibilidade da falsidade está inscrita nesse paradoxo”.

Nesse sentido, Teixeira (2010, p. 73) explica que Funes,

[...] como o único que poderia pronunciar com propriedade o verbo recordar, apreende, pela totalização o diverso. Entretanto, o dom da recordação é também uma danação; [...] o esquecimento ganha um novo sentido; torna-se condição essencial sem a qual o conhecimento não é possível; deve ser entendido como ação inteligente, muitas vezes voluntária, de que o homem se utiliza para viver.

O crítico acrescenta que o passado nos contos de Borges surge como um relato de memória dos seus narradores, uma memória humana, predisposta para o esquecimento, diferente da memória de Funes que, na história, fica protegido de esquecer. O esquecimento torna-se fonte primordial no processo da memória, pois, cada vez que nos lembramos de um fato, reatualizamos o objeto de que nos lembramos e produzimos, por consequência, modificações. De

acordo com Rossi (2010, p. 93), toda lembrança é ressignificada e cria-se, ao fazer memória de um fato ou dado, uma nova representação. Assim, toda vez que modificamos o passado, ganha o presente uma nova configuração.

Borges, ao criar o “memorioso”, institui um personagem que vive apenas o presente. Para Funes cada instante torna-se único, pois tudo se transforma de modo contínuo, logo, “[...] lembrar-se é, em grande parte, não esquecer” (RICOEUR, 2008, p. 452). O jovem do conto, porém, tem uma memória inversa: o instante presente é abarrotado de informações do passado. Funes lembra-se de tudo e de todas as vezes que se lembrou de cada uma das coisas com riqueza de detalhes. Desse modo, o jovem se vê preso não apenas pela paralisia, mas imobilizado pela memória que o torna incapaz de pensar e agir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Funes, o memorioso”, de Jorge Luís Borges, narra a história de Irineo Funes, jovem de dezenove anos cuja capacidade de memorização apresenta-se extraordinária e minuciosa.

O jovem Funes vive o instante do presente como sendo único, pois esse se transforma continuamente, confirmando que “lembrar-se é, em grande parte, não esquecer” (RICOEUR, 2008, p. 451). Segundo Teixeira (2010, p. 14), para Funes, “não há passado, pois cada instante está presente na sua memória, distinto de todos os outros instantes igualmente presentes, como se estivessem sobrepostos”. A memória torna-se, de acordo com Schwartz (2000, p. 125), um “lugar de refúgio, meio história, meio ficção, universo marginal que permite a manifestação continuamente atualizada do passado”.

A memória de Funes é repleta, no instante presente, de lembranças passadas:

Resta a Irineo Funes a inevitável reprodução, supostamente real, supostamente baseada num tempo contínuo e eterno, tempo divino. Para Borges, o tempo da representação certamente é outro: limitado e humano, fragmentado, esse tempo da experiência constitui a memória não como reprodução exata do passado, mas sobretudo como (re)constituição – invariavelmente imaginativa – dos tempos idos, com suas persistências e esquecimentos. Nesses termos, a memória não pode prescindir de sua face obscura, mas fértil: o esquecimento. Funes, porém, o desconhece (SCHWARTZ, 2000 p. 128).

O personagem, portanto, vê-se imobilizado pela memória ao ponto de ser incapaz de pensar e agir, tornando-se prisioneiro do viver e do rememorar os fatos passados. Nesse sentido, confirma-se o conceito de Le Goff (2013, p. 437), em que “a memória [...] procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”. Na constituição do tempo, a memória possui um papel imprescindível, pois sem ela só haveria o instante presente. Por meio da memória que temos a consciência do passado, atualizando-o no presente e criando expectativas para o futuro.

Na construção da narrativa no conto, concluímos que o esquecimento é condição para a memória. Retomando Ricoeur (2008, p. 448), entendemos que “o esquecimento designa então o caráter *despercebido* da perseverança da lembrança, sua subtração à vigilância da consciência”. Logo, Funes representa a proteção da ameaça do apagamento da memória causada pelo esquecimento. Nesse sentido, a falta de capacidade do jovem memorioso de pensar reside na imobilidade de esquecer, tornando possível o diálogo duradouro entre o presente e o passado. Assim, ao esquecer os detalhes irrelevantes, Funes concentra-se naquilo que é essencial.

Memory and forgetfulness in the short story *funes, the memorious*, by Jorge Luis Borges

Abstract

The present article aims to promote some reflections about memory and forgetfulness through the interpretative reading of the short story *Funes, the Memorious* (1999), by the Argentinean writer and poet Jorge Luis Borges. Memory is intertwined with forgetfulness. In the short story, the narrator assumes the role of remembering the facts lived by the protagonist, while the character Funes protagonizes protection from the threat to the erasure of the memory, that can be caused by forgetfulness, considering that the act of remembering is the primary criterion for non-forgetting. On the study of the concepts of memory and forgetfulness, it was applied to the theoretical reflections the main scholars of the subject, in chronological order: Maurice Halbwachs (1990), Henri Bergson (1999), Márcio Seligmann-Silva (2003), Paul Ricoeur (2008), Paolo Rossi (2010) and Jacques Le Goff (2013). To study and to comprehend better the work of Borges and the short story *Funes, the memorious*, it was taken into account the critical-literary notes of Jorge Schwartz (2000), Teixeira (2010), among others, who were essential to our work.

Keywords

Memory. Forgetfulness. *Funes, the memorious.*

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, E.; BOGÉA, M. Esquecer para preservar. *Revista Arquitectos*, v. 91, n. 2, p. 2-17, 2007.
- BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BORGES, J. L. *O pensamento vivo de Jorge Luis Borges*. São Paulo: Martin Claret, 1987.
- BORGES, J. L. *Ficções*. São Paulo: Globo, 1999.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- LE GOFF, J. *História e memória*. 7. ed. rev. Campinas: Editora Unicamp, 2013.
- RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2008.
- ROSSI, P. *O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.
- SCHWARTZ, J. (Org.). *Borges no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- SELIGMANN-SILVA, M. *História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.
- TEIXEIRA, H. S. *Concepções de tempo e memória em Jorge Luis Borges: uma análise dos contos “Funes, el memorioso” e “La biblioteca de Babel”*. 2010. 108 f. Dissertação (Mestrado)–Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, BA, 2010.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos pelo apoio que permitiram a elaboração desse artigo ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).